

O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT: DO USO DOS PRAZERES À CULTURA DE SI

Rodrigo Diaz de Vivar Y Soler
Aluno regular do programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC
diazsoler@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar algumas considerações em torno da ética do cuidado de si apresentadas por Michel Foucault nas suas últimas obras correspondentes a problematização ética do sujeito do desejo em diferentes momentos históricos. O primeiro correspondente ao mundo grego dos séculos VI ao IV a.C no qual a experiência ética se efetivava por meio de todo um conjunto de técnicas relativas ao bom uso dos prazeres e da virtude da temperança (FOUCAULT, 1984). O segundo correspondente aos séculos I e II d. C no qual o preceito ético do cuidado de si ganha um tom de preservação do corpo e da alma (FOUCAULT, 1985). Seja como for, ambas problematizações indicam mais do que uma simples releitura dos textos da filosofia clássica, significam também um processo de análise crítica da constituição subjetiva em diferentes momentos históricos fazendo o cuidado de si se caracterizar por duas diferentes vias de acesso, oportunizando assim uma leitura crítica em torno da condição humana contemporânea.

Palavras-chave: Michel Foucault, uso dos prazeres, cuidado de si

INTRODUÇÃO

Certo é que as reflexões filosóficas levantadas por Michel Foucault ao longo de sua trajetória acadêmica exerceiram fortes influências em diversas áreas das ciências humanas como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, e é claro, a Filosofia.

Isso porque os seus ditos e escritos procuraram problematizar a visão de mundo proposta por algumas “epistemes”, como a metafísica cristã, por exemplo, que enxerga no sujeito alguém marcado, sobretudo, pela universalidade e pela abstração e

que encontra em Nietzsche, uma forte crítica ao afirmar que todos os valores são “humanos, demasiadamente humanos” (NIETZSCHE, 2005). Isso significa que toda e qualquer espécie de conhecimento e forma de valoração são produzidos pelo e para o homem servindo a algum propósito.

Ao longo de sua trajetória, Foucault procurou dar visibilidade àquilo que passava despercebido aos olhos da civilização ocidental, enxergando na constituição dos saberes e dos poderes estratégias que atravessaram o sujeito e fizeram com que dado fenômeno se desenvolvesse.

Trata-se, portanto, e o próprio pensador francês explicita isso em um de seus artigos, de uma interrogação da história, de uma minuciosa análise dos jogos de verdade implícitos em diferentes épocas e que acabaram por produzir sujeitos e subjetividades (FOUCAULT, 2004a).

Comumente, a título de compreensão metodológica, os intelectuais que estudam o pensamento foucaultiano adotam uma estruturação e uma periodização que, se divide em Arqueologia, Genealogia e Ética (VEIGA NETO 2004b).

No período marcado pela arqueologia, o que está em jogo é a problematização das condições de surgimento dos saberes que se configuravam tanto em instituições como os hospitais psiquiátricos, assim como o estatuto das ciências humanas na modernidade. Entre as principais obras dessa fase destacam-se: “*História da Loucura na Idade Clássica*”, “*O Nascimento da Clínica*”, “*As palavras e as Coisas*”, e “*Arqueologia do Saber*” (FERREIRA, 2005).

O segundo momento na trajetória intelectual de Michel Foucault corresponde à fase marcada pela genealogia. É nesse momento que toda uma teoria em torno da problemática do poder passa a ser analisada, a partir de uma perspectiva que engloba o campo das práticas sociais na esfera micro, ou seja, que estão presentes no cotidiano do sujeito e que se apresentam enquanto uma positividade. As principais obras nesse período são: “*Vigiar e Punir*” e “*História da Sexualidade I: a vontade de saber*”.

Os objetivos tanto da genealogia, quanto da arqueologia não representam a estruturação de teorias em torno da constituição histórica e social da civilização, mas sim a análise e a problematização de verdades tidas como naturais (MACHADO, 1993). Uma das consequências dessas problematizações realizadas pelo intelectual francês nesses dois períodos, consiste em dar uma visibilidade por meio de suas pesquisas, a

setores marginalizados pela sociedade capitalista, mas que, ao longo da história, foram alvos de intensos estudos e preocupações por parte da ciência e do Estado na elaboração de políticas de controle e poder sobre os corpos. É o caso do doente mental, do presidiário ou do homossexual, por exemplo. Trata-se também de, nesses dois momentos, delimitar uma crítica ao projeto de ciência moderna, caracterizado pelo progresso intelectual e tecnológico, pois no período histórico conhecido por modernidade, as ciências humanas só puderam se afirmar e se desenvolver tomando o homem como objeto de conhecimento, e sujeitado ante uma série de saberes.

O ÚLTIMO FOUCAULT: PROBLEMATIZAÇÃO ÉTICA DO CUIDADO DE SI, DO USO DOS PRAZERES E DA CULTURA DE SI

Em seus últimos trabalhos, correspondente ao estudo da ética, Foucault procura saber como se dá a constituição do sujeito a partir da relação deste consigo mesmo. Trata-se, portanto, de escrever uma genealogia da subjetividade ocidental e de um questionamento dos diversos modos de sujeição pelos quais o sujeito se reconhece e se afirma.

Nesse sentido, o intelectual francês recorre aos textos de pensadores antigos com o intuito de levantar o seguinte questionamento: que jogos propiciaram que o homem se afirmasse sujeito do desejo em épocas distintas (SOLER, 2006)?

Estava posto, portanto, o problema que guiaria as reflexões levantadas nas obras *“História da Sexualidade II: o uso dos prazeres”*, *“História da Sexualidade III: o cuidado de si”* e do curso *“A Hermenêutica do Sujeito”*.

Os estudos foucaultianos nesse período acabaram por desenvolver toda uma problemática em torno da ética do cuidado de si presente nas culturas grega e romana, através de diversas obras de pensadores importantes como Sócrates, Platão, Marco Aurélio e Sêneca, por exemplo.

O próprio Foucault, a respeito do cuidado de si, diz

[...] é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar,

impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais [...] (FOUCAULT, 1985, p. 50).

Observa-se, portanto, que na Antigüidade, o tema do cuidado de si era fundamental para diversas escolas filosóficas.

O enfoque dado à subjetividade por Michel Foucault nas suas últimas obras, propiciou o desenvolvimento de uma analítica em torno da subjetividade enquanto um processo transformacional e criativo do corpo, ou seja, a investigação observada nessas obras problematiza de que maneira o discurso filosófico clássico está relacionado ao modo de vida do sujeito (CARDOSO JR, 2005). Em que consistiam técnicas prescritas como o exame de consciência, por exemplo, sugeridas por moralistas como Marco Aurélio? Como se dava a produção da subjetividade tanto na Grécia antiga, como na Roma clássica? (FOUCAULT, 1985).

São questões essenciais contidas nessa analítica foucaultiana, que percorre o pensamento dos filósofos gregos e romanos afirmadores da ética do cuidado de si.

Os dois últimos volumes da História da Sexualidade mostram como na antiguidade a questão dos prazeres sexuais foi problematizada a partir de técnicas de si, que tinham como objetivo maior fazer com que o sujeito fosse senhor de seu destino.

Segundo Foucault,

(...) a *epiméleia heautoû* (o cuidado de si e a regra que lhe era associada) não cessou de constituir um princípio fundamental para caracterizar a atitude filosófica ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana. Noção importante, sem dúvida, em Platão. Importante nos epicuristas, uma vez que em Epicuro encontramos a fórmula que será tão frequentemente repetida: todo homem, noite e dia, e ao longo de toda sua vida, deve ocupar-se com a própria alma (...) Entre os cínicos a importância do cuidado de si é capital (FOUCAULT, 2004c, p.12).

Na verdade, para os filósofos antigos, o cuidado de si deveria ser implantado na alma do sujeito, devia inculcar no homem uma reflexão sobre os seus

modos de existência, para que, assim, a trajetória de vida do sujeito fosse marcada pela felicidade e pelo domínio de seus instintos.

Outra questão importante diz respeito ao fato de que o sujeito, ao cuidar de si, estaria necessariamente cuidando do outro.

É o que diz Foucault ao analisar que

(...) convém notar que as doutrinas da conduta – e em primeiro lugar pode se colocar os estoicos – eram também aquelas que insistiam mais sobre a necessidade de realizar os deveres com relação à humanidade, aos concidadãos e à família, e que estavam prontas a denunciar nas práticas de isolamento, uma atitude de frouxidão e complacência egoísta (FOUCAULT, 1985, p. 47).

O sujeito virtuoso era, portanto, aquele que possuía uma relação de reciprocidade com o outro tanto no âmbito familiar, como profissional. Tal ética implicava numa responsabilidade do sujeito para com os outros, e esse cuidar passava por estratégias não-repressivas de poder, como o diálogo, a persuasão e a prescrição.

Na Antigüidade só era possível cuidar de si a partir do cumprimento de regras e condutas que se apresentavam enquanto prescrições para o sujeito. É por isso que Foucault diz que a ética do cuidado de si era exercida no âmbito da racionalidade, pois a pessoa só poderia exercitar os ensinamentos prescritos pelos moralistas gregos e estoicos mediante uma memorização e uma dedicação em torno do cumprimento de verdades propostas (FOUCAULT, 2004 d).

A ética para os antigos era relativa a toda uma maneira de ser e de se conduzir. O homem virtuoso era aquele que conduzia sua vida mediante a prática do cuidado de si. Ser livre significava não ser escravo de si mesmo, de seus instintos. Essa liberdade significava um domínio do sujeito em relação a si mesmo.

Como dito anteriormente, o interesse de Foucault em estudar os processos de constituição do sujeito acaba por abrir, espaço para uma compreensão ontológico-histórica da ética. Isso porque, ao recorrer aos antigos, o pensador francês acaba por trazer para a contemporaneidade os modos de subjetivação pelos quais nos reconhecemos enquanto sujeitos. (CARDOSO JR., 2005) Trata-se de mostrar que na época clássica a subjetividade era produzida a partir de grandes preocupações com o uso dos prazeres e que na modernidade os modos de subjetivação passam a ser cada vez

mais produzidos por meio de saberes institucionais capazes de delimitar, de fabricar indivíduos para um perfeito funcionamento da máquina estatal. Em outras palavras, trata-se de mostrar como em algum momento histórico a cultura de cuidado de si deu lugar a uma cultura de sujeição.

É por isso que Foucault, em seus últimos trabalhos, entrelaça a questão da subjetividade com a história dos modos de sujeição. Enquanto na Antigüidade as formas de subjetivação se exerciam por meios de técnicas de si, na contemporaneidade elas se estabelecem em estratégias de saber-poder que procuram de toda maneira controlar a subjetividade por meio de biopolíticas que têm por objetivo maior controlar, adestrar, através de mecanismos de poder¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar então que esse sujeito contemporâneo do qual Foucault fala é um sujeito atravessado pela cultura, pela sociedade e por meio de relações de poder, que se afirma enquanto indivíduo e permanece sujeitado ante os acontecimentos históricos.

Neste sentido, estudar o tema do cuidado de si como possibilidade de resistência e de enfrentamento ante os modos de sujeição contemporâneos trata-se, portanto, de analisar e enxergar no pensamento foucaultiano rotas de fuga, que permitam a existência de outra maneira de se enxergar o sujeito. Não como algo estático e universalizante, mas sim a partir de uma compreensão relativa à interação do indivíduo com o mundo e vice-versa, enxergando na pessoa a existência de um corpo transformacional que se opõe ao corpo capturado pelo biopoder.

REFERÊNCIAS

¹ Sobre a questão da biopolítica pode-se dizer que ela é um fenômeno caracteristicamente moderno, pois sua constituição segundo Foucault começou a se estruturar a partir do século XVIII, através de dois fatores. O primeiro foi o adestramento e a docilização do corpo humano através de um controle econômico. O segundo se deu quando a ciência passou a conhecer os processos biológicos no ser humano e em conjunto com o governo passou a estudar e desenvolver políticas normativas de intervenção. A biopolítica, portanto, passou a interferir sobre o corpo e outras condições de vida do povo. Encontram-se mais detalhes em: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, 1977.

CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. 2005. Pra quê Serve uma Subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v. 03, n. 18, pp. 343 – 349.

FERREIRA, Artur Arruda Leal. A Psicanálise e a Psicologia nos Ditos e Escritos de Michel Foucault. In: GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima, HÜNING, Simone (Orgs.). **Foucault e a Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

FOUCAULT, Michel. Foucault. Foucault In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004d.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004c.

_____. Nietzsche, a Genealogia e a História. (In) FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MACAHDO, Roberto. Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. Humano, Demasiadamente, Humano. In: NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Col. Os pensadores. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2005.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. **O Cuidado E A Ética de Si Enquanto Produtores de Sujeitos e Subjetividades: Reflexões Em Torno da Obra História da Sexualidade III de Michel Foucault**. Monografia de Conclusão de Curso (Psicologia) 81 f. Criciúma: UNESC, 2006.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004b.

